

**Universidade Estadual de Campinas**  
**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**

**Larissa Malfatti Vieira**  
**084436**

**A representação do feminino em Honoré Daumier: Les Bas-bleus**

Trabalho de conclusão  
da disciplina HH719 –  
A figura feminina no  
século XIX sob  
responsabilidade de  
Prof. Martinho Alves  
da Costa Junior

**Dezembro de 2010**

## **Resumo**

A partir do século XIX se inicia no Ocidente um processo de alteração da percepção da mulher sobre si mesma. Apesar de ser levado a cabo ainda por uma minoria, é nesse período que se iniciam os movimentos feministas, que permitiriam às mulheres criar uma identidade pública por meio da qual passariam a questionar seu papel social e reclamar por seus direitos de igualdade civil. Embora este século seja marcado pela agitação de movimentos de emancipação feminina, a representação artística de sua figura não sofreria grandes mudanças. É só no centenário seguinte que a representação do feminino ganharia de fato um toque particular do gênero. A representação feminina, mesmo quando produzida por mulheres, não assimilariam mudanças, pois o tema sobre o qual desenvolveriam sua arte acabaria por reproduzir a interpretação masculina, não sendo fundamentalmente diferentes daquelas produzidas pelos homens, seja em estilo ou conteúdo. (HIGONNET, Anne 1991, p.302)

Portanto, é novamente sobre o filtro do olhar masculino que essa nascente mulher será representada. Honoré Daumier (1808- 1879) capta essa mulher em transição e ainda que não seja a favor de suas reivindicações e as exponha ao ridículo em suas caricaturas não deixa de gravar sua imagem insubmissa a seu atual papel social. Daumier delinear uma mulher ácida, egoísta, negligente e, sobretudo, libertária. Embora não tenha sido o único, produziu um novo arquétipo feminino que difere daqueles que ainda predominariam no imaginário do século XIX: madona, sedutora e musa. (HIGONNET, Anne 1991, p.297)

**Palavras-chave:** Daumier, les Bas-bleus, feminino.

LES BAS-BLEUS.

7.



Cher Robert, 71 de la Bonne, 28.

Imp. et Robert & Co.

La mère est dans le feu de la composition, l'enfant est dans l'eau de la baignoire !

**Fig. 1** DAUMIER, Honoré, *La mère est dans le feu de la composition, l' enfant est dans l'eau de la baignoire*. 1844. Bibliothèque nationale de France, Paris.

## **I. A representação do feminino em *Les Bas-bleu***

No canto esquerdo da imagem esperneia uma criança de quem só podemos ver as pernas e as nádegas que ficam descobertas e apontam para o teto, delineando uma cena tragicômica (fig.1). Mergulhada de cabeça para baixo numa tina d'água a criança, ainda de roupa, faz com que ela transborde, molhando o chão. A vassoura abandonada no chão úmido faz companhia a um pé do par de chinelos, a uma cadeira caída com o espaldar no chão, a um livro e a uma toalha rota. De costas para o que ocorre sem dar qualquer atenção a criança em apuros ou à desordem do cômodo do qual faz parte, mas se aliena, a mãe debruçada sobre uma mesa escreve à pena, parece estar ali há horas numa espécie de brain storm. Compenetrada se larga ao prazer da sua escrita que a anima com uma força incontrolável, é preciso deitar a idéia no papel e não há nada mais relevante do que isso no momento no qual a vassoura, o filho e todas as tarefas domésticas são trocados pelo desejo de redigir.

Uma pequena legenda nos esclarece a situação para não restar dúvidas: *La mère est dans le feu de la composition, l' enfant est dans l'eau de la baignoire*<sup>1</sup>.

A imagem remeteria a idéia: “Genius require an untidy room” “Genius likes everything pell-mell: the pens with the toothbrush, the comb with the daily bread” como declara o escritor Jules Janin<sup>2</sup>. E ainda teria certa similaridade com a série de quadros *Marriage a La Mode* de William Hogarth. (fig. 2 e 3) nos quais a disposição de objetos abandonados ao chão e a composição do ambiente se dariam de maneira análoga à da prancha de Daumier. (LOYRETTE, Henri, 1999, p. 215)

Essa cena compõe a sétima prancha da série *Les Bas-bleus* publicada de Janeiro a agosto de 1844 no jornal francês *Le Charivari* para o qual Daumier desenhava caricaturas desde 1834. Nessa série a mulher apartada de

---

<sup>1</sup> A mãe no calor de sua composição, e a criança na água do banho.

<sup>2</sup> LOYRETTE, Henri. *Daumier 1808-1879*. Ottawa: National Gallery of Canada, 1999. p. 206, 212, 215 e 216. O gênio gosta de tudo de pernas para o ar: as canetas com a escova, o pente com o pão de cada dia

seu comportamento dócil e maternal parece declarar greve às atividades domésticas. Com toda aspereza essa mulher de Daumier diz que não vai mais cozer botões às calças dos maridos, não quer contar a roupa que vai para a lavanderia nem cuidar sozinha dos filhos. Deixando seus maridos em uma situação embaraçosa e um tanto expostos ao ridículo eles são ameaçados caso se recusem a colaborar com o serviço doméstico. Sobre a série Les Bas Bleus se diz “The pictorial tradition of a world where everything is upside down and back to front, one facet of which involves the reversal of sexual roles in the domestic and family realm (LOYRETTE, Henri, 1999, p.211).

Nela de fato parece ocorrer uma inversão de papéis, explicita tanto pela vulnerabilidade dos maridos frente a imposição enérgica da mulher revoltada quanto pela inversão de papéis domésticos. Na maioria das vezes fica evidente uma figura masculina completamente desamparada diante das tarefas que não estão aptos a desenvolver. A idéia da mulher como sexo frágil parece não fazer mais sentido em Les Bas Bleus se transferindo ao homem (fig. 4).



**Fig. 4** DAUMIER, Honoré *Emportez donc ça plus loin... il est impossible de travailler au milieu d'un vacarme pareil.. allez vous promener à la petite provence, et en revenant achetez de nouveaux biberons passage Choiseul!... Ah! Mr. Cabassol c'est votre*

*premier enfant, mais je vous jure que ce sera votre dernier!*<sup>3</sup> 1844. Bibliothèque nationale de France, Paris.

Crrré!... Femme! Laisser un homme quatre heur d'horlage avec trois brrrigands d'enfant.<sup>4</sup> diz a legenda de uma prancha em que um homem de feição transtornada está a ponto de arrancar seus cabelos porque não conseguiu controlar seus três filhos que choram em coro. Compondo um *Croqui d'expressions*<sup>5</sup> a cena não está na referida série, embora o conteúdo expresse bem o universo criado por Daumier em Les Bas Bleu.

## I. II A origem da expressão: *Les bas-bleus* ou *The bluestockings*

Composta por 40 litografias o termo que dá título à série se refere a um grupo feminista de escritoras e cientistas também conhecido como *Bluestocking*. As *bas-bleus* representavam mulheres engajadas na literatura que reclamavam para si uma posição social irrestrita ao papel de mãe e esposa. No ano de 1842, Jules Janin citando Byron descreveria o termo para denominar esse grupo de mulheres subversivas

The thoroughly modern race of unhappy female creatures who, renouncing beauty, elegance youth, the joys of the marriage, the modest providences of motherhood, everything related to domestic life, the family, outdoor amusement, undertake to live by the power of their minds. (In: LOYRETTE, Henri, 1999, p. 212)

Composto fundamentalmente por intelectuais da classe burguesa, les bas-bleus compunham um grupo de mulheres em número modesto, mas que influenciariam muitas outras mulheres que apesar de não estarem oficialmente atreladas a esse grupo tomariam contato com as idéias nele defendidas, seja através da literatura, seja pelas constantes chacotas a elas direcionadas que, embora não dessem suporte a ideologia feminista, contribuíram involuntariamente para a dispersão desse ideário.

Além da tradicional defesa do direito feminino ao sufrágio, a igualdade de direitos trabalhistas, ao acesso a educação comum aos movimentos

---

<sup>3</sup> Leve isto pra lá... É impossível trabalhar no meio de uma algazarra destas... Vá passear na petite provence e, na volta, compre mamadeiras no beco Choiseul!...Ah! Sr. Cabassal, é seu primeiro filho, mas juro que será o último.

<sup>4</sup> Grrr! Mulher! Deixar um homem quarto horas de relógio com três terrores de crianças...

<sup>5</sup> Croqui de Expressões.

feministas, essas mulheres guardavam ainda uma particularidade que consistia na busca pelo reconhecimento de seu gênio. Conceito que pode ser aproximado com a idéia de um talento inato à criação artística “de qualidade”. “Acreditava-se que um grande artista nascera com gênio, que triunfaria sobre quaisquer obstáculos e se manifestaria em obras primas de beleza transcendental”. (HIGONNET, Anne 1991, p.304)

Os atributos de feminilidade eram diametralmente opostos aos do gênio (...). Os valores da atividade, da imaginação, da produção e da sexualidade masculina estavam estritamente ligados entre si e opunham-se aos valores igualmente inseparáveis da passividade, da imitação, da reprodução e da sexualidade feminina. Os homens criavam obras de arte originais; as mulheres recriavam-se a si próprias nos seus filhos. Enquanto artistas e críticos de arte declaravam o gênio como valor absoluto, narrativas que desenvolviam o conceito de gênio em termos de personagens e situações sociais masculinas e femininas revelam como na prática a idéia de gênio operava como parte de um sistema de separação dos sexos. O gênio ajudava a diferenciar a feminilidade da masculinidade, ao estabelecer identidades culturais binárias ancoradas em sexualidades por sua vez fundadas nas diferenças biológicas (HIGONNET, Anne 1991, p.304)

A capacidade de exuberância artística não era sequer associada à recorrente idéia que se tinha da mulher, portanto les bas-blues defendiam e acreditavam ser plenamente capazes de empreender uma arte feminina autônoma e magnífica. Daí a frase “*Le génie n’a point de sexe*”<sup>6</sup> que seria intensamente associada a esse conjunto de mulheres, se tornando uma espécie de lema que rompe com a idéia de que a genialidade é masculina, estendendo-a assim ao gênero humano.

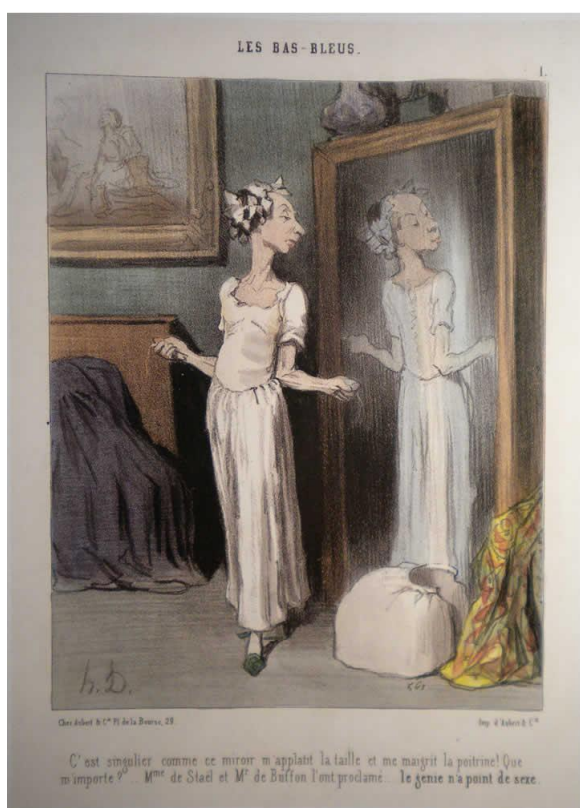
Embora em *Mãe no calor de sua composição* a mulher retratada pareça estar num tipo de “exercício de seu gênio” – o que inclusive é sugerido pela bagunça do ambiente – numa outra prancha a compreensão de que o gênio não tem sexo será intensamente debochada (Fig. 5): *C’est singulier comme ce miroir m’aplatit la taille et me maigrit la poitrine! ... Que m’importe?... Mme. de Staël et Mr. de Buffon l’ont proclamé... le génie n’a point de sexe.*<sup>7</sup> Diz uma mulher de magreza insalubre e com feições masculinas enquanto olha seu reflexo no espelho.

---

<sup>6</sup> Gênio não tem sexo

<sup>7</sup> Estranho como este espelho achata minha cintura e reduz meu busto... mas o que isso importa? ... Madame de Stael e senhor de Buffon disse claramente: o gênio não tem sexo.

As bas-bleus como no o trecho citado no início dessa seção, eram rotuladas como deselegantes. Não sem motivo essas mulheres costumavam se vestir com roupas masculinas em protesto contra a separação de gênero, assim como o gênio não era uma particularidade masculina, também as calças e cartolas não o seriam. Na supracitada prancha a ironia adviria do fato de que as bas-bleus perdem sua feminilidade se transformando numa figura andrógena e pouco atraente, a mulher que defende a ausência da interferência do gênero na criação artística é corporificada numa imagem fisicamente assexuada, faz a chacota com a frase: O gênio não tem sexo. (Fig. 5)



**Fig. 5** DAUMIER, Honoré *C'est singulier comme ce miroir m'aplatit la taille et me maigrit la poitrine! ... Que m'importe?... Mme. de Staël et Mr. de Buffon l'ont proclamé... le génie n'a point de sexe.* 1844. Bibliothèque nationale de France, Paris.<sup>8</sup>

A mesma ironia aparece numa caricatura de George Sand, produzida por Alcide Lorentz dois anos antes.

<sup>8</sup> Não é estranho como este espelho achata minha cintura e reduz meu busto ... mas o que isso importa? ... Madame de Stael e senhor de Buffon disseram claramente: o gênio não tem sexo.





**Fig.6** LORENTZ, Alcide. *George Sand*. Litografia 1842. Paris, Biblioteca Nacional

De acordo com Anne Higonnet a imagem de Sand faria troça da posição política adotada pela escritora, representada em folhas de papel que esvoaçam, suas idéias seriam, assim como suas divisas, inconsistentes e passageiras. (HIGONNET, Anne 1991, p.329).

Citadas explicitamente por Daumier, Georg Sand e Madame Staël, seriam pioneiras na construção de uma imagem feminina do feminino.

Ao que parece no campo da literatura às mulheres, já no século XIX, ao contrário do que ocorre nas artes visuais, já teriam produzido, ou ao menos tangenciado, uma representação feminina distinta daquela masculinamente interpretada. A exemplo disso temos a personagem *Corinne* (1807) de Madame Staël, e de maneira ainda mais expressiva na libertária personagem *Consuelo* (1842-44) de George Sand.

Mme Staël na sua *Corinne* e Sand com *Consuelo* ousaram imaginar heroínas que não se enquadravam nas categorias artísticas convencionais. Corinne era simultaneamente poetisa, atriz, oradora e improvisadora; Consuelo passa sucessivamente de diva a compositora e a cantora ambulante. Ambas as heroínas são ameaçadas pela lei patriarcal, corporificada tanto pela figura paterna como pela autoridade política. Corinne sucumbe, mas Consuelo é

salva por uma figura materna que desperta consciência política e reconcilia a sua sexualidade com seus ideais intelectuais. Consuelo rejeita todas as distinções que com tanta tenacidade são mantidas por toda a parte; sua maternidade confere poder a uma arte que funde composição com representação, que inventa na base da repetição e que pode apenas florescer à margem da sociedade comum. (HIGONNET, Anne 1991, p.305).

As personagens Corinne e Consuelo sugestionam uma representação subjetiva, a personalidade delas se assemelha à de suas autoras. Sobretudo Consuelo, que pode ser considerada como um ideal da mulher posto que se mantém em seus ideais intelectuais apesar dos reveses que isso pode causar.

Desde a série *Le Bas Bleus* Daumier só incrementaria ainda mais seu arquétipo da mulher com aspirações independentistas, que passariam do retrato de uma posição doméstica a uma posição política em *Les Femmes Socialistes*. No entanto, Mary Cassat, retrataria anos depois uma imagem de banho perfeitamente em acordo com o arquétipo da mãe zelosa com as crianças e devotada à rotina doméstica. Ao contrário da primeira imagem de Daumier aqui apresentada que está imersa numa atmosfera caótica em *O Banho* (1891-92) - Fig.7 pag. 11 podemos contemplar uma cena clara, terna e profundamente delicada. Cassat pinta cuidadosamente as minúcias do tapete, da cômoda, da bacia, do jarro d'água e do papel de parede que se dispõem ordenadamente no cômodo onde mãe e filha se beneficiam de um momento gentil e amável em que a criança é acolhida confortavelmente no colo da mãe. O banho sugere um momento de intensa suavidade, o toque afável da mão no pé da criança é mais um carinho do que um gesto de lavar. A imagem do corpo da criança com uma barriga roliça respeita formatos apropriados a sua idade, deixando a cena ainda mais meiga.

Segundo Higonet, a maioria das mulheres que se lançavam na carreira artística pertenciam justamente à classe que mais perderia privilégios ao modificar a condição de seu gênero. Diante disso impelidas por impulsos contraditórios as mulheres não produziram imagens de si distintas do arquétipo masculino da madona. Por isso assim como Cassat quase sempre se dedicaram a cenas familiares e domésticas. (HIGONNET, Anne 1991, p.302).

Cassat, reconhecida no mundo da arte pode ser considerada como uma mulher forte que conseguiu ser respeitada num meio considerado inóspito às mulheres, não constituindo um exemplo menos inspirador de mulher por não ter representado em suas telas a mulher em transição, modelo no qual

certamente se encaixaria na realidade. Sendo assim, embora não pintasse sobre essa mulher em transição era uma mulher em transição **mesmo que não se percebesse com tal.**

Essa mulher de impulsos contraditórios, que fica dividida entre o desejo de conquistar um novo papel social e a realidade de sua atual condição de mãe e mulher, inspiram um novo modelo feminino que será caricaturalmente revelado por Daumier em sua litografia, mas que, embora se aproxime da mulher nesse processo de mudança jamais poderá ser considerada como a imagem que uma mulher emancipacionista produziria sobre si mesma.

A despeito da mãe que abandona seu filho a própria sorte na imagem da *Mãe no calor de sua composição*, temos a mãe no calor de sua composição e que ao mesmo tempo cuida de seu filho doente:

Compus uma conclusão para o *Divórcio necessário*, escrevi ao correr da pena o que me ditava a minha imaginação, então muito rica... E nas noites em que velava Huber doente, algumas vezes com um filho ao peito tornei-me autora. Louvet de Couvray. (FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (dir.), 1991, p.190)

Como em toda caricatura o comportamento e as feições de les bas-bleus são acentuadas revelando apenas uma parte do seu real comportamento. Além disso, muitas vezes o papel de mãe e esposa devem ser somados à busca pelos seus direitos e pelo reconhecimento de suas habilidades, não se tratando, portanto, de uma completa negação do universo em que viveu a mulher do século XIX.



Fig. 4 CASSAT, Mary O *banho* 1891-92. Chicago. Instituto de Artes de Chicago



**Fig. 2** William Hogarth *Marriage a la Mode: The Tete a Tete* 1745. The National Gallery London.



**Fig. 3** William Hogarth *Marriage A-la Mode: 6. The Lady's Death* 1745, Oil on canvas. The National Gallery, London

### **Bibliografia**

BRUCHARD, Dorthée de (org.). *Caricaturas Honoré Daumier*. Paraula: Porto Alegre, 1995.

FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (dir.). *História das Mulheres no Ocidente*. Ebradil: São Paulo, 1991. Vol.4

LOYRETTE, Henri. *Daumier 1808-1879*. Ottawa: National Gallery of Canada, 1999.

LAUGHTON, Bruce. *Honoré Daumier*. New Haven: Yale University Press, 1996.

[http://www.daumier-register.org/werksrch\\_serie.php](http://www.daumier-register.org/werksrch_serie.php)